

# Evo foi 'raptado' 3 dias depois de voltar a Lisboa

Expr.

p. 1

30/4/88

no.

809

EVO Fernandes deslocou-se por duas vezes ao quartel-general da Renamo, no interior de Moçambique, já este ano, antes de ter sido assassinado. Depois da sua primeira viagem, em Janeiro, encontrou-se de novo com o estado-maior dos rebeldes no interior



daquele país durante a primeira quinzena deste mês, segundo a viúva, Ivete, tendo regressado a Portugal apenas três dias antes do seu jantar com Alexandre Chagas,

findo o qual desapareceria para só ser encontrado morto na quinta-feira da semana passada.

Em ambas as deslocações, Evo Fernandes terá tido encontros com o presidente do movimento, Afonso Dhlakama, que lhe confiaria missões políticas no exterior. O assassinio do co-fundador da Renamo (o único dos quatro «pais» da organização que ainda se encontrava vivo) dá-se assim numa ocasião em que ele parecia ganhar de novo forte ascendente e influência no seio dos guerrilheiros moçambicanos, depois de um período de «travessia do deserto».

No entanto, os investigadores desconhecem ainda quem ordenou a execução de Evo: se, durante a semana, ganhou força a tese de uma dissensão na Renamo, já indícios recolhidos nos últimos dias levavam a manter de pé suspeições sobre os serviços moçambicanos de segurança (SNASP). De qualquer modo, o rol inicial de suspeitos na execução do atentado (meia dezena, para além de Chagas) é integralmente constituído por indivíduos brancos e de nacionalidade portuguesa, quase todos com actividade no submundo da marginalidade.